

Em busca de palavras que já existiram: notas sobre Jerzy Ficowski e Bruno Schulz

Luiz Henrique Budant¹
Universidade Federal do Paraná

Resumo: O presente trabalho busca focalizar três momentos em que o poeta polonês Jerzy Ficowski alude a Bruno Schulz, também escritor polonês. Cronologicamente, o primeiro momento se dá com a tentativa de publicação de *Regiões da Grande Heresia*, obra de difícil definição; o segundo momento é configurado pelo poema “Aquele meu não salvo”, publicado no livro *Pássaro além do pássaro* (1968); o terceiro momento também se encontra na produção poética de Ficowski: trata-se de “Drohobycz 1920”, publicado no livro *Morte do unicórnio* (1981).

Palavras-chave: Bruno Schulz. Jerzy Ficowski. poesia polonesa.

In search of words that have already been: notes on Jerzy Ficowski and Bruno Schulz

Abstract: This paper aims to focalize three stages/moments in which the Polish poet Jerzy Ficowski alludes to Bruno Schulz, also a Polish writer. Chronologically, the first moment corresponds to the tentative of publishing *Regions of The Great Heresy*, a work of difficult definition; the second one is configured by the poem “My Unsaved”, published in the book *Bird beyond The Bird* (1968); the third one is also find in Ficowski’s poetical production: is “Drohobycz 1920”, published in the book *Death of the Unicorn* (1981).

Keywords: Bruno Schulz. Jerzy Ficowski. Polish Poetry.

1. Regiões da Grande Heresia

Curiosas são as linhas do destino que cruzam o livro *Regiões da Grande Heresia* (Ficowski, 2000). No que diz respeito aos gêneros textuais, por meio dos quais temos uma tentativa de enquadramento que auxilia a balizar a entrada na obra, pode-se classificar o livro como “ensaio”, pois nele se verifica o esforço para se mostrar a construção não apenas das linhas de raciocínio de Ficowski, mas também da própria obra e de seus temas, problemas e objetos. Diante disso, podemos dizer que o “ensaio” ficowskiano, que se divide em onze partes, apresenta uma biografia do escritor Bruno Schulz que é mesclada com reflexões da pena de Jerzy Ficowski. Tendo em vista o recorte apropriado para entender a complexa relação que se desenvolve entre Jerzy Ficowski e a obra de Bruno Schulz,

¹ Mestrando do programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR. Professor substituto de língua polonesa no Departamento de Polonês, Alemão e Clássicas da UFPR. E-mail: luiz.henrique.budant@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-4265-3133>.

interessa-nos principalmente a primeira parte da obra, intitulada *Encontrei o autêntico (à guisa de introdução)*².

Diz-nos Ficowski na aludida primeira parte: “nas origens dos rascunhos coligidos neste livro havia o deslumbramento”³. O uso do termo iluminação (*olśnienie*, no original) é deveras significativo. Termos do campo semântico da luz aparecem quase obsessivamente na obra ficcional schulziana, especialmente em *Lojas de Canela* (1933, ed. brasileiras: 1996, 2012, 2019), bem como dão título a excelente ensaio interpretativo escrito por Władysław Panas⁴ em 1996, no qual são investigadas as relações entre a mística judaica e a obra do autor polonês do entreguerras.

É sob o signo da luz, portanto, que se inicia a relação entre Jerzy Ficowski e a obra de Bruno Schulz. A luz, portanto, tem aqui um significado originário que informa e conforma a relação ensaístico-poética daquele com este. A se conhecer os descaminhos tenebrosos da vida de Schulz e da Polônia dos anos 1940, trata-se, evidentemente, de um paradoxo; mas também é paradoxal a história da gênese de *Regiões da Grande Heresia*, uma vez que a primeira leitura que Ficowski faz de *Lojas de canela* (Schulz, 2012) dá-se, justamente, em 1942, ano da morte de seu autor. Desconhecendo esse fato:

Consegui por acaso o endereço de Schulz – e escrevi com a inocência, com a exaltação de um adolescente de dezoito anos, que talvez não quisesse isso, mas que soubesse que havia alguém para quem as *Lojas* eram e são fonte do mais elevado encantamento e a maior revelação [...] (FICOWSKI, 2000)⁵

Àquela altura, Bruno Schulz já se encontrava confinado no Gueto de Drohobycz, onde viria a ser assassinado, em circunstâncias ainda não totalmente esclarecidas⁶, em 19 de novembro de 1942. A data da carta escrita por Ficowski não é sabida, mas com algum grau de correção pode-se supor que “o maior escritor de nossos [de Ficowski e seus contemporâneos] tempos” não a tenha podido ler.

² No original: Znalazłem autentyk (zamiast wstępu). Todas as traduções de minha autoria terão o original trazido em nota de rodapé.

³ No original: “U źródleń szkieców zebranych w tej książce było olśnienie”.

⁴ Refiro-me, aqui, a *Księga blasku: traktat o kabale w dziele Brunona Schulza (Livro do esplendor: tratado sobre a cabala na obra de Bruno Schulz)*.

⁵ No original: “Zdobyłem przypadkiem adres Schulza – i napisałem naiwnie, z egzaltacją osiemnastolatka, że może go to nic nie obejdzie, ale niech wie, że jest ktoś, dla kogo Sklepy były i są źródłem najwyższego zachwyty i największym objawieniem”.

⁶ As circunstâncias da morte de Schulz são narradas em *Regiões da Grande Heresia*, em que Ficowski insere o relato de uma testemunha ocular, Izydor Friedman, bem como aparecem em diversos textos sobre o autor. A incerteza que paira sobre a questão deu azo à imaginação do escritor israelense David Grossman que, na obra *Ver: Amor* (2007) faz sua personagem inspirada em Schulz fugir do gueto.

As notícias sobre a morte de Schulz chegaram a Ficowski apenas na primavera de 1943. Impedido de falar ao grande escritor sobre sua leitura das *Lojas de canela* (Schulz, 2012), Ficowski “[decidiu] escrevê-lo para si mesmo. Foi também um ato irracional de gratidão do leitor. Afinal, o próprio encantamento estava curioso por sua justificativa, desejava uma manifestação ativa do culto à obra de Schulz”⁷.

Se, como dissemos, jazia o deslumbramento [*olśnienie*] na origem de *Regiões da Grande Heresia* (FICOWSKI, 2000), é o próprio encantamento [*zachwył*] que se torna uma espécie de *daimon* ditando as “trinta e tantas” páginas escritas em máquina de escrever que constituíram a primeira tentativa de Ficowski de escrever *Regiões da Grande Heresia*, ainda em 1943.

O encantamento de Ficowski por Schulz é objeto de estudo no ensaio escrito por Rosiek (2013), intitulado *Zachwył Ficowskiego (O Encantamento de Ficowski)*, que considera *Regiões da Grande Heresia* a primeira obra da schulzologia, muito embora, lembre Rosiek, já muito se tenha escrito sobre aquele autor no período entreguerras, constituindo a pesquisa acerca de sua recepção naquele período um importante tópico a ser pesquisado no mundo lusófono.

Do seu opúsculo de 1943, Ficowski manteve “o encantamento” por Schulz e o título, extraído de um trecho de *Os manequins*, conto que aparece no ciclo *Lojas de canela* (Schulz, 2012), funcionando como epígrafe:

É digno de atenção que, em contato com esse homem incomum, todas as coisas pareciam retornar à raiz do seu ser, reconstruir seu fenômeno até o próprio núcleo metafísico, pareciam voltar à ideia primordial para traí-la nesse ponto e desviar-se até aquelas regiões duvidosas, arriscadas e ambíguas, a que chamaremos aqui simplesmente regiões da grande heresia. (SCHULZ, 2012, p. 44).

Deve-se entender a metáfora schulziana das “regiões da grande heresia” *pari passu* com outro trecho constante de *Os manequins*: “sem nenhum apoio, sem reconhecimento de nossa parte, esse homem estranhíssimo defendia a causa perdida da poesia” (SCHULZ, 2012, p. 39). Na obra de Schulz, estas são referências à figura do pai e à sua obra, qual seja, uma espécie de “repoetização” do mundo, uma busca pelos “curto-circuitos de sentido” que apenas a poesia poderia sugerir. Não sem razão, portanto, o já mencionado estudioso polonês Władysław Panas (1974) dá a seu ensaio dedicado ao conceito de

⁷ No original: “postanowiłem pisać o tym sobie samemu. Był to także jakiś irracjonalny akt czytelniczej wdzięczności. Zresztą sam zachwył ciekaw był swych uzasadnień, żądał aktywnego przejawu kultu wobec dzieła Schulza”.

linguagem na prosa schulziana o título de *Regiões da pura poesia: do conceito de língua na prosa de Bruno Schulz*⁸.

Porém, convém ainda se debruçar sobre o significado que tal epígrafe assume no aludido ensaio de Ficowski. Todas as afirmações constantes da epígrafe fazem, como já dito, referência ao pai, se lidas dentro dos contos schulzianos. Conforme lemos em Schulz, o pai é um “prestigitador metafísico”, um defensor da “causa perdida da poesia” (SCHULZ, 2012, p. 39). Contudo, se as lemos dentro da obra de Ficowski, “esse homem incomum” deixa de ser uma personagem do ciclo *Lojas de canela* (SCHULZ, 2012), inserindo-se noutra espécie de pacto ficcional, desta feita com seus termos definidos por outra parte: o homem incomum, “estranhíssimo”, passa a poder ser identificado com o próprio Bruno Schulz, interpretação que se percebe na fortuna crítica dedicada a Schulz, seja da pena do próprio Ficowski, seja de outros grandes estudiosos como Władysław Panas ou Tadeusz Rachwał.

Desta forma, *Regiões da Grande Heresia* assume mais uma camada interpretativa, passando a ser, ela mesma, uma tentativa de interpretação da obra de Bruno Schulz, não sendo “apenas”⁹ um trabalho biográfico, mas uma tentativa baseada em uma aproximação entre elementos biográficos e a obra (aproximação essa que estaria embasada no conceito de “mitificação da realidade”, conforme propugnado por Schulz em seu ensaio de 1936).

No encerramento da primeira parte de *Regiões da Grande Heresia*, Ficowski descreve o que seriam suas intenções: “eu não conseguiria nem gostaria de realizar uma dissecação desta obra viva. O que coligi no livro são somente notas biográficas e glosas de um leitor fascinado às margens de uma grande obra”¹⁰ (FICOWSKI, 2000, p. 7) e, na sequência “escrevi sobre *meu* Schulz, sobre o que e como o li na sua obra”¹¹ (FICOWSKI, 2000, p. 7) (grifo do autor). O verbo ao qual se propõe a tradução “ler” é essencial, pois aparecerá, na sua forma substantivada, no título daquela que é considerada uma das principais obras sobre a Shoá escrita por um não judeu: *A leitura das cinzas*¹².

Na língua polonesa, as palavras que aparecem no trecho citado de *Regiões da Grande Heresia* e em *A leitura das Cinzas* são, respectivamente, *odczytałem* e *odczytanie*,

⁸ No original: *Regiony czystej poezji: o koncepcji języka w prozie Brunona Schulza* (Panas, 1974), ainda sem tradução.

⁹ Deve-se mencionar que, até hoje, *Regiões da Grande Heresia* é considerada uma das principais fontes para informações biográficas sobre Bruno Schulz, bem como Jerzy Ficowski foi, inequivocamente, o responsável por impedir que a vida e a obra de Schulz fossem cobertas pelo olvido (nesse sentido, veja-se, entre outros, Rosiek, 2013).

¹⁰ No original: “To, co zebrałem w książce, to tylko wiadomości biograficzne i głosy zafascynowanego czytelnika na marginesie wielkiego pisarza”.

¹¹ No original: “pisałem o *moim* Schulzu, o tym, co w nim i jak odczytałem”.

¹² No original: *Odczytanie popiołów*. Publicado em 2018, pela Editora Ayinê, em tradução de Piotr Kilanowski.

pretérito na primeira pessoa do gênero masculino e o substantivo deverbais de *odczytać*. No *Współczesny słownik języka polskiego (Dicionário contemporâneo da língua polonesa)* (DUNAJ, 2007), a entrada dedicada a este verbo traz quatro sentidos, dentre os quais o primeiro é “ler, conhecer o conteúdo de algum texto, escrito etc., reconhecendo sinais obscuros ou desconhecidos”¹³ (DUNAJ, 2007, p. 1063). Desta maneira, a obra poética de Ficowski aproxima-se daquela de Schulz, buscando os sinais ocultos e misteriosos do “sentido primevo” (SCHULZ, 2014). Dessa maneira, quando Ficowski escreve *Regiões da Grande Heresia*, acaba por assumir para si e para a vida de Schulz o programa poético-literário de sua própria personagem, num complexo processo de espelhamento entre aquilo que foi a obra do escritor de Drohobycz e aquilo que se está tornando a obra de Ficowski.

Na obra ficowskiana, cada uma das vítimas da Shoá torna-se, pois, um dos sinais obscurecidos pela ação odienta dos perpetradores. Ficowski não apenas busca trazer essas personagens à luz, resgatando-as das sombras a que foram relegadas, mas ainda lhes empresta a sua própria voz, buscando entender o que cada um desses sinais tem a dizer. Bruno Schulz também é um desses sinais, foi aquele com o qual Ficowski tentou contato ainda jovem, sem saber o quão “fora de hora” enviou a carta, sensação esta que ecoa no poema sem título que abre *A leitura das cinzas*:

Não consegui salvar
nem uma vida

não soube deter
nem uma bala

então percorro cemitérios
que não existem
busco palavras
que não existem
corro

para o socorro não pedido
para o resgate tardio

quero chegar a tempo
mesmo que tarde demais. (FICOWSKI, 2017, p. 41. Trad. de Piotr Kilanowski)

Ficowski, já naquele que é o seu primeiro trabalho dedicado a Schulz, parece ter a consciência de não ter conseguido salvar ninguém e já parece desenhar na sua obra a

¹³ No original: “czytać, poznawać treść jakiegoś tekstu, napisu, itp., rozpoznając niewyraźne lub nieznanne znaki”.

necessidade que sente de dar voz aos “devorados pelas raízes dos pinheiros” (“O silêncio da terra”, em *Leitura das Cinzas*) (FICOWSKI, 2017, p. 101). Assim, pode-se entender que Ficowski busca fazer uma espécie de “salvação poética póstuma” de Bruno Schulz, transformando-se, com o gesto, em nome incontornável nos estudos schulzianos. Jerzy Ficowski não é apenas uma espécie de “Max Brod” de Schulz, mas também um dos grandes poetas poloneses do século XX e a tensão poética que o move já se faz sentir em *Regiões da Grande Heresia* (FICOWSKI, 2000).

2. Aquele meu não salvo

O segundo momento desse trabalho se dedica ao poema “Aquele meu não salvo”, publicado na obra *Pássaro além do pássaro* (1968). O poema conta com tradução inédita para o português brasileiro, da lavra de Piotr Kilanowski:

Aquele meu não salvo

à memória de Bruno Schulz

Já faz tantos anos
no meu mezanino de vigas
entre o teto e o vestíbulo
esfuma a luz eterna de 25 watts
escurecida pelo salpicado das moscas
atrás da barricada de papéis velhos

Ele está lá dá corda ao relógio
não expulsa as aranhas dorme

Deve ter traduzido todos os nós
na sua sombra imóvel cresce o reboco
às vezes não está nem mesmo
depois do toque de recolher
passeia em Haiderabade
enfia-se nos anéis sequentes
os abre e adentra na madeira
se arvora mais e mais no tempo
ancestral

Na madeira meu sonho
bateu hoje nessa sua porta

Senhor Bruno já dá
já pode descer
E ele à espera do desespero

não pode ouvir o meu sonho
ele-ninguém
mais sóbrio que qualquer um
sabe que não existe mezanino
nem luz
nem eu (FICOWSKI, 1968)

A crítica polonesa Ewa Goczał (2016) propõe uma interessante leitura em que articula uma proposta interpretativa para o poema, apontando, entre outras questões, que há semelhanças entre trechos do já mencionado ensaio *Mitificação da Realidade* (orig. 1936; trad. cit. 2014) e o poema de Ficowski:

“um delírio girante ao redor da luz” (trecho de *Mitificação da realidade*)

“esfuma a luz eterna de 25 watts
escurecida pelo salpicado de moscas” (trecho de “Aquele meu não salvo”)

Nesse sentido, a autora busca apresentar subsídios para mostrar que o poema de Ficowski funciona como uma realização literária dos postulados contidos no ensaio schulziano.

De uma maneira geral, percebe-se no poema tom elegíaco e pessoal. Tem-se diante dos olhos um poema cujo título de pronto já causa estranhamento: “*Aquele meu não salvo*”. O título oscila, como um pêndulo, entre transmitir o sentimento de culpa de não ter conseguido salvar e a sensação de que o eu-lírico nada poderia ter feito, antecipando linhas de tensão que aparecerão em *A leitura das cinzas* (2017), fato também notado por Goczał (2016, p. 37).

Nesse sentido, é importante notar que a expressão “meu não salvo” do título do poema reaparece na dedicatória de *A leitura das cinzas* (2017), mudada apenas por motivos sintáticos. Lemos na dedicatória: “às sombras de Henia e Josek Kopel, os pais de minha esposa Elżbieta, que não conseguiram se salvar”. No original, a proximidade é maior e o paralelismo, mais evidente: “*mój nieocalony*” e “*nieocalonych rodziców mojej żony*” (grifos meus). O não salvo do poema é “meu”, ao passo que os não salvos da dedicatória são “de minha esposa”.

O poema é dedicado “à memória de Bruno Schulz”. Se, em *Regiões da Grande Heresia*, Ficowski (2000) busca resgatar “tarde demais” a vida não salva de Schulz e, com esse gesto, inaugura os estudos schulzianos¹⁴, o poema “Aquele meu não salvo” tem um tom mais sinistro.

¹⁴ Nesse sentido, veja-se Rosiek (2013).

Os versos de Ficowski ora focalizados constroem-se num espaço onírico, oprimido pela realidade (“toque de recolher”) e pela consciência de que é tarde demais, de que a memória existe apenas “atrás da barricada de papéis velhos”, a qual funciona, justamente, como uma barreira para o caos circundante. Daquele lado, o tempo passa marcado por um relógio de corda e o tempo comezinho, o quotidiano, já perdeu seu sentido, restando um espaço de sono (outra referência onírica), mas também de degradação¹⁵ (“não expulsa as aranhas”) e de abandono da realidade imediata.

A personagem do poema passeia por Haidebarade, nome que surge em uma das mais afamadas passagens da obra schulziana, no conto *Primavera*, constante do ciclo *Sanatório sob o signo da clepsidra* (SCHULZ, 2012):

Enfim, num momento de entusiasmo, num fluxo de generosidade intensa, me pregou no peito, como uma medalha, a Tasmânia cor-de-rosa, ardente como maio, e o Haiderabade que formigava num balbucio cigano de alfabetos embaralhados (SCHULZ, 2012, p. 154).

O episódio do álbum de selos é um dos momentos de epifania do “Livro”, um dos principais temas da obra schulziana. O álbum de selos representava a multiplicidade poética da natureza, do mundo e da linguagem em oposição a um mundo dominado pela técnica que, no conto de Schulz é representado pelo imperador Francisco José I.

Outro tema resgatado no poema de Ficowski é o “papel velho”, que pode ser lido como referência a outra das encarnações do Livro, esta sendo um “livro [do qual] arrancamos suas folhas para embrulhar a carne no açougue ou o lanche do pai...”. O cenário onírico e caótico do poema se vai desenhando ainda com outras possíveis referências a trechos da prosa de Schulz: “enfia-se nos anéis subsequentes / os abre e adentra na madeira / se arvora mais e mais no tempo / ancestral”. A imagem faz recordar outro trecho de *Primavera*¹⁶, em que o narrador, refletindo sobre “o cerne das coisas” e as “raízes das árvores” descobre, no subsolo, a luz.

Contudo, o poema de Ficowski já se encaminha para o fim, o sonho já será interrompido pelo despertar e, muito diferente do “delírio luminoso e errante da substância”,

¹⁵ Também sob o signo da degradação pode ser lida a obra de Schulz. Nesse sentido, veja-se Sandauer (1964).

¹⁶ Alude-se, aqui, a longo trecho que pode ser lido em Schulz, 2012, p. 166-167: “Quando as raízes das árvores querem falar, quando se amontoa sob a grama uma grande quantidade de passado, de antigos romances, de histórias muito velhas [...]. Nesse momento é preciso encostar os olhos, como sanguessugas, na mais negra escuridão, violentá-los levemente, passá-los pelo impenetrável, pelo solo surdo, de um lado a outro [...]. Aqui não é escuro, como se poderia supor. Ao contrário: todo o interior palpita de luz. Trata-se, é óbvio, da luz interior das raízes, da vaga fosforescência, das minúsculas veias do resplendor com as quais a escuridão é marmoreada.

o leitor encontrará “ele-ninguém / mais sóbrio que qualquer um / sabe que não existe mezanino / nem luz / nem eu”.

3. Drohobycz 1920

O segundo poema dedicado por Jerzy Ficowski à memória de Bruno Schulz intitula-se “Drohobycz 1920”, publicado em *Śmierć jednorożca (A morte do unicórnio)* (1981) e posteriormente utilizado como epílogo de *Okolice sklepów cynamonowych (Vizinhança das lojas de canela)* (1986). Em artigo de 2016, Romanowski busca analisar a forma como Ficowski trata, em sua vasta obra dedicada ao autor de *Lojas de Canela*, a questão do masoquismo.

Apresento, aqui, minha proposta tradutória para o poema:

Drohobycz 1920

À memória de Bruno Schulz

Na praça de Drohobycz
sob o escudo de Gorgoniusz Tobiaszek
ao anoitecer iam pernas esguias
selando com o brasão dos saltos altos
iam adiante e acima
das meias escuras
pelas canelas até as altivas ligas

estava Bruno atrás da esquina do poente
com um lance do olhar
pegava a meia negra
piscava o olho nascia o cometa dos fazedores de meia
para ele balançando o rabo correram
animais do zodíaco aplacados com chicote

então do ventre negro
do livro do Zohar
nasceu uma toupeira da magia do chernossolo
profundamente suburbana
e Bruno cabalista na rua Floriańska
alimentava-a com a mão
e murmurava filho meu filho (FICOWSKI, 1981)¹⁷

¹⁷ No original, lê-se: “Drohobycz 1920 / Pamięci Brunona Schulza / Na rynku w Drohobyczu / pod szyldem Gorgoniuszka Tobiaszka / pod wieczór smukłe nogi szły / pieczętując się herbem wysokich obcasów / szły przed siebie i wwyż / czarnych pończoch / przez łydki do wyniosłych podwiązek / stał Bruno za węglem zmierzchu / rzuconym spojrzeniem / zaczepiał czarną pończochę / puszczało oczko wschodziła kometa pończoszniczków / ku niej merdając ogonami biegły / zwierzęta zodiaku ugłaskane batem / wonczas z czarnego łona / księgi Zohar / zrodził się kret czarnoziemnej magii / podmiejski głęboko / a Bruno kabalista na Floriańskiej ulicy / karmił go z ręki / i szeptał synu mój synu”. Disponível em: <http://www.brunoschulz.org/ficovski.htm>. Acesso em 15 jan. 2022.

A se seguir, em parte, a proposta de Romanowski (2016), convém apontar algumas questões fundamentais.

O título traz o ano de 1920, ano em que, justamente, Bruno Schulz, àquela altura residindo ainda na rua Floriańska, começa a trabalhar com *Xięga Bałwochwalcza (Livro do Idólatra)*, ciclo de 26 desenhos em que faz uso do método *cliché-verre* e explora vários motivos masoquistas, em especial a submissão do homem em relação à mulher, essa sempre tomada por Schulz como objeto do desejo fetichista, usando saltos altos e tendo longas pernas.

À parte essas questões, saltam aos olhos algumas escolhas vocabulares feitas por Ficowski, em especial as “pernas esguias”. Ora, é justamente esse o epíteto que Schulz escolhe para uma de suas personagens, Adela, descrita como “de pernas esguias” (SCHULZ, 2012, p. 25). Os motivos fetichistas aparecem novamente em trechos de *Época genial*, do ciclo *O sanatório sob o signo da clepsidra* (2012):

- Sim, olhe - disse, ajoelhando-me diante da gaveta da cômoda.
Primeiro tirei o vestido de seda de Adela, a caixa com suas fitas, seus sapatos novos de salto alto. [...]
E, levantando com horror o sapato fino de Adela, falava como se estivesse enfeitiçado pela eloquência lustrosa e irônica daquela casa vazia de verniz: - Você entende o cinismo monstruoso deste símbolo no pé da mulher, a provocação de seu andar licencioso nestes saltos tão esquisitos? (SCHULZ, 2012, p. 145)

A identificação dos motivos masoquistas traz à tona a personagem Adela, personagem assaz complexa da ficção schulziana que é apresentada nos antípodas do pai, como sua arquirrival, sobre quem teria um poder “quase absoluto” (SCHULZ, 2012, p. 34). O conflito entre Adela e o pai parece representar a disputa entre a linguagem ordenada do cotidiano e aquela criativa, flertando com o caótico (o caos criativo) que seria própria da poesia e da arte.

Também chama atenção, no poema, a imagem dos “animais do zodíaco acariados com chicote”, possível descrição das figuras masculinas em *Livro do Idólatra*, as quais estão sempre em posição de completa submissão, adoração, idolatria em relação às altivas figuras femininas, muitas das quais usando meias com ligas.

Os argumentos de Romanowski (2016) e de Goczał (2016) fazem crer que, nos poemas de Ficowski dedicados a Schulz, a poesia serve como meio privilegiado de reflexão sobre o próprio fazer poético e a obra do escritor de Drohobycz. Nesse sentido, é interessante que se perceba, por exemplo, a menção a “Schulz cabalista”, tema que viria a ser analisado apenas na década seguinte, por Władysław Panas, precisamente na obra *Księga blasku (Livro do esplendor, 1997)*. *O Livro do esplendor*, um dos principais tratados da mística judai-

ca, aparece no poema de Ficowski, porém com seu nome hebraico: *Zohar*. Chama atenção, pois, que o “livro do esplendor” tenha um ventre negro, como e negra é a noite, que na prosa schulziana pode ser entendida como símbolo do momento em que a matéria é indistinta, ainda não assumiu forma fixa e, portanto, é prenhe de possibilidades e por excelência o momento prístino da criação, conforme o mito judaico (e cristão) da criação do mundo.

É justamente desse livro do esplendor, porém de ventre negro, que surge a toupeira¹⁸, um animal que, por ser adaptado a viver na escuridão e no subterrâneo, é cego. O animal das profundezas e da escuridão, elementos, como já se mencionou anteriormente, simbólicos na prosa schulziana, é chamado de “meu filho” pela personagem do poema de Ficowski. Bruno cabalista assume, assim, a posição de pai, o demiurgo da prosa schulziana, espécie de “alter ego” do escritor de Drohobycz.

Palavras a se dizer: tentativa de conclusão

A complexa relação entre Ficowski e Schulz é tema de diversos trabalhos, dentre eles Goczał (2016), Kandziora (2015) e Rosiek (2013). Todos destacam a importância de Ficowski para o resgate dos estudos schulzianos e para seu momento inicial no pós-guerra.

O totalitarismo hitlerista assassinou Bruno Schulz. O totalitarismo stalinista tentou apagar sua memória, mas não obteve êxito - em grande parte por conta do trabalho de Ficowski. Testemunho disso lemos no texto introdutório de *Regiões da Grande Heresia*, em que Ficowski relata a tentativa de publicação da obra em 1946 e em 1949, ambas as tentativas frustradas pela censura da época. Apenas em 1956, ano em que Nikita Khrushchev inicia o “degelo temporário” (que duraria até 1968), o autor de *Leitura das cinzas* consegue publicar um primeiro texto mais longo, intitulado *Uma lembrança de Bruno Schulz*¹⁹, em que Ficowski apresenta dados biográficos do autor.

A primeira edição de *Regiões da Grande Heresia* aparece apenas em 1967, após visitar lugares em que Schulz viveu: Lwów, Borysław, Sambor etc. (localizadas na atual Ucrânia). Resta patente, pois, a busca quase arqueológica levada a cabo por Ficowski, buscando fragmentos da vida do autor: cartas, relatos de alunos, artigos publicados em jornal, *memorabilia*.

¹⁸ A figura da toupeira também aparece em *A primavera*: “A palavra se decompõe em fatores e se dissolve, retorna à sua etimologia, entra de novo no fundo, na sua raiz obscura. No fundo, em que sentido? Ao pé da letra. Eis que escurece, e as palavras se perdem em associações confusas: Aqueronte, Orco, Subsolo... Estão sentindo como essas palavras fazem escurecer, como a casa da toupeira se espalha, como passa o sopro da profundidade, do porão, do túmulo?” (Schulz, 2012, p. 166). Também se aluda ao fato de que a toupeira aparece muitas vezes na literatura polonesa pós-guerra, como um símbolo do judeu.

¹⁹ No original: *Przypomnienie Brunona Schulza*, ainda sem tradução.

Nos muitos momentos em que a obra de Jerzy Ficowski tange a Bruno Schulz, ela pode ser lida como o relato de uma busca, mas não apenas. Considero que estes locais, estes gestos ficowskianos muito têm a revelar sobre o fazer poético de Ficowski. Porém, para que essas reflexões sejam possíveis de se enxergar, é preciso ir além da superfície do poema, aprofundando-se no complexo jogo de imagens e metáforas schulzianas apropriadas por Ficowski, tomando por guia não apenas o encantamento, mas também a tensão poética resultante desse encantamento articulada com as linhas de tensão de suas demais obras, evitando, assim, a injustiça literária de transformar o autor em mero “capelão do culto schulziano”²⁰, imagem resultante, justamente, do gesto de ficcionalizar (e, em boa medida, mitificar) o autor de Drohobycz, mesmo que o poeta considerasse que a escrita fosse uma “prática sagrada” (apud GOCZAŁ, 2016, p. 105).

Se, por um lado, as obras de Ficowski constituem-se como lugar incontornável (em que pesem as críticas, por exemplo, de Michał Paweł Markowski²¹) dos estudos schulzianos, estas devem ser lidas, por outro, como “lugar incontornável”, como espaço produtor de sentido dentro obra do próprio Ficowski. Em especial, mencione-se o fato de que o gesto biográfico costuma dizer muito, também, sobre aquele que biografava.

Aquele Bruno Schulz, nascido em 12 de julho de 1892 em Drohobycz, não é o mesmo Bruno Schulz sobre quem escreveu Jerzy Ficowski desde 1943. A mitificação da realidade, título do ensaio schulziano de 1936, é signo sob o qual pode ser lido o Bruno Schulz (d)escrito por Ficowski. Não se pode ser vítima da ilusão que chama de “real” aquilo que pode ser identificado profundamente com ele, mas é de outra natureza. Na metáfora schulziana, é apenas no subsolo que se vê a luz das raízes das árvores; tal imagem aplica-se bem à relação Ficowski-Schulz: é preciso “adentrá-la” para entender a medida da força poética que dela surge e nutre a obra de um grande poeta como Jerzy Ficowski.

REFERÊNCIAS

BUDANT, Luiz Henrique. *Bruno Schulz e a mitificação da realidade*. Monografia (Bacharelado em Letras). Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

BUDANT, Luiz Henrique. A palavra inicial era um delírio: traduzindo A mitificação da realidade, de Bruno Schulz. *Qorpus*, Florianópolis, n. 15, 2014.

FICOWSKI, Jerzy. *Drohobycz 1920*. Disponível em: <http://www.brunoschulz.org/ficowski.htm>. Acesso em: 19 ago. 2021.

FICOWSKI, Jerzy. *A leitura das cinzas*. Trad. de Piotr Kilanowski. Belo Horizonte, Veneza: Ayinê, 2018.

²⁰ Imagem trazida, também sob olhar crítico, por Goczał, 2016.

²¹ Nesse sentido, veja-se Markowski, 2012, especialmente p. 26-29.

FICOWSKI, Jerzy. *Mój nieocalony*. Disponível em: <http://www.brunoschulz.org/ficovski.htm>. Acesso em: 19 ago. 2021 (o poema conta com tradução inédita de Piotr Kilanowski)

FICOWSKI, Jerzy. *Regiony Wielkiej Herezji*. Gdańsk: Tower Press, 2000.

GOCZAŁ, Ewa. Szklane klisze albo dwie strony (z) Księgi. Ficowskiego wiersze o Schulzu. *Schulz/Forum*, 8, p. 103-116, set. 2016. Disponível em: <https://czasopisma.bg.ug.edu.pl/index.php/schulz/article/view/2423>. Acesso em: 19 ago. 2021.

KANDZIORA, Jerzy. Przestrzenie pamięci, przestrzenie rozproszenia (Jerzego Ficowskiego składanie biografii Brunona Schulza). In: KONOŃCZUK, E., SIDORUK, E. (org.) *Przestrzenie geo(bio)graficzne w literaturze*. Białystok: Wydawnictwo Uniwersytetu w Białymstoku, 2015. p. 245-265.

MARKOWSKI, Michał Paweł. *Powszechna rozwiązłość: Schulz, egzystencja, literatura*. Kraków: Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, 2012.

PANAS, Władysław. *Księga blasku: traktat o kabale w prozie Brunona Schulza*. Lublin: Tow. Nauk. Katolickiego Uniwersytetu Lubelskiego, 1997.

PANAS, Władysław. Regiony czystej poezji: o koncepcji języka w prozie Brunona Schulza. *Roczniki Humanistyczne*, XXIII, p. 151-172, jan. 1974. Disponível em: <https://biblioteka.teatrnn.pl/dlibra/publication/27837/edition/27592/content>. Acesso em: 19 ago. 2021.

ROMANOWSKI, Marcin. Masochizm Schulza w ujęciu Ficowskiego. *Schulz/Forum*, 7, p. 99-120, mar. 2016. Disponível em: <https://czasopisma.bg.ug.edu.pl/index.php/schulz/article/view/2220>. Acesso em: 19 ago. 2021.

ROSIEK, Stanisław. Zachwyć Ficowskiego. *Schulz/Forum*, 3, p. 3-4, set. 2013. Disponível em: <https://czasopisma.bg.ug.edu.pl/index.php/schulz/article/view/2154>. Acesso em: 19 ago. 2021.

SANDAUER, Artur. Rzeczywistość zdegradowana (rzecz o Brunonie Schulzu). In: SCHULZ, Bruno. *Proza*. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1964. p. 5-43.

SCHULZ, Bruno. *Ficção completa*. Trad. e posf. Henryk Siewierski. São Paulo: Cosacnaify, 2012.